

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
GRADUAÇÃO EM LETRAS FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA

MARIA FERNANDA MELON BONFIM

ENTRE VESTIDOS E PARTITURAS: CRÔNICAS E TRANSFERÊNCIAS
CULTURAIS N' *O JORNAL DAS SENHORAS*

Uberlândia

2023

MARIA FERNANDA MELON BONFIM

**ENTRE VESTIDOS E PARTITURAS: CRÔNICAS E TRANSFERÊNCIAS
CULTURAIS N' O JORNAL DAS SENHORAS.**

“Trabalho de Conclusão de Curso” apresentado ao Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Data da defesa oral: 26 de junho de 2023.

Membros da banca:



Profª Dra. Maria Stela Marques Ochiucci



Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo



Prof.ª Dra. Camila Soares López

Uberlândia

2023

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é e sempre será àquele que me deu o dom da escrita, Pai Celestial, que tudo viu, ouviu e presenciou. Obrigada por, junto de Nossa Senhora, sempre me mostrar o bom caminho.

Em seguida, agradeço à minha família. Minha mãe Rosana, que escolheu acreditar, há mais de 30 anos em uma educação amável, inclusiva e torna o mundo, todos os dias, um lugar melhor. É uma honra, para mim, poder ter realizado seu sonho de ter uma filha.

Ao meu pai, que nunca mediu esforços para me dar a melhor educação e me acolher com as palavras certas em todas as turbulências, além de me ensinar o valor de um trabalho. Você é meu porto seguro.

Ao meu irmão Mário, que sempre acreditou nos meus sonhos e me ensinou o valor de fazer algo bem feito, obrigada por ter dividido comigo, mais do que uma data de aniversário.

À minha orientadora, Dra. Camila Soares López por ter me iluminado durante todo esse caminho enquanto pesquisadora, aluna e amiga, e aos meus outros professores e professoras, Giovanni, Marli, Zeina, Maria Stela, Suzana, Alessandra, Betina e Jozelma por me ensinarem muito além da língua francesa.

Aos meus amigos e amigas, os de Uberlândia e os de São Joaquim que, entre trancos e barrancos, durante a caminhada da vida, permaneceram ao meu lado e tornaram tudo mais fácil com choros, risadas, rolês e muito companheirismo, vocês são minha luz.

Por fim, dedico este trabalho à minha afilhada Júlia, que, em meio ao caos de uma pandemia, dormia em meus braços e, durante todo o tempo e até hoje, me ensina o valor do amor, da espontaneidade e da alegria. Você é minha razão de acreditar em um futuro melhor e da minha incessante luta para que a humanidade entenda que o amor e a paz podem ser encontrados no sono de uma criança.

Entre vestidos e partituras: crônicas e transferências culturais n' *O Jornal das Senhoras*

Maria Fernanda Melon Bonfim

Orientadora: Prof.^a Dra. Camila Soares López

Resumo: O presente trabalho visa estudar a presença francesa n' *O Jornal das Senhoras - Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica*, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1852 e 1855, com a análise de suas crônicas publicadas entre julho de 1852 e março de 1853, na coluna *Cronica da Quinzena*, assinada por *Bellona* e *Délia*, pseudônimos femininos de Joanna Paula de Manso de Noronha e Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco. Assim, fizemos uma leitura dessas crônicas, analisando seus conteúdos e relacionando-os às propostas do jornal, dirigido, nesse período, por Violante Atabalipa, destinado ao público feminino e defensor da educação feminina na época. A pesquisa avalia, juntamente com a presença francesa, sob a perspectiva das transferências culturais, seu impacto na construção da mídia nacional em formação, o papel das escritoras-jornalistas e sua repercussão na sociedade brasileira do século XIX.

Palavras-chave: Literatura; Periódicos; Autoria Feminina; Transferências Culturais.

Résumé: Le présent travail vise à étudier la présence française dans *O Jornal das Senhoras - Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica*, qui a circulé à Rio de Janeiro entre 1852 et 1855, avec l'analyse de ses chroniques publiées entre juillet 1852 et mars 1853, dans la rubrique *Chronica da Quinzena*, signée par *Bellona* et *Délia*, pseudonymes féminins de Joanna Paula de Manso de Noronha et Violante Atabalipa Ximenes de Bivar et Velasco. Donc, nous avons fait une lecture de ces chroniques, en analysant leur contenu et en les reliant aux propositions du journal, dirigé pendant cette période par Violante Atabalipa, destiné au public féminin et défenseur de l'éducation féminine à l'époque. La recherche évalue, avec la présence française, sous la perspective des transferts culturels et son impact sur la construction des médias nationaux en formation, le rôle des écrivains-journalistes et leur répercussion sur la société brésilienne du XIXe siècle.

Mots-clés: Littérature; Périodiques; Création féminine; Transferts culturels.

Pego na pena com bastante medo.

Estarei falando francês ou português...

Machado de Assis, 1973, p. 517.

Introdução

Durante todo o percurso acadêmico de formação como professores e professoras de língua francesa, nos deparamos com palavras e expressões que parecem familiares ao português, como em um processo de empréstimo. Esses vocábulos e expressões nos chegam, ainda, acrescidos de muitas outras contribuições do país de Rousseau e Voltaire aos aspectos históricos e culturais brasileiros.

Tais contribuições não são, muitas vezes, evidentes quando se aprende ou se ensina o francês no Brasil, e, conforme o tempo, são deixadas de lado ou esquecidas. Diante disso, este artigo propõe-se a apresentar de que maneira as relações entre França e Brasil são sólidas e existem há muitos anos. Além disso, engajamo-nos a mostrar como a literatura derivada do jornal, suporte midiático comumente visto como puramente informativo, transformou a sociedade e o campo literário do século XIX, inferindo no que, até então, entendia-se como representação do Brasil e do seu povo. Isto nos faz, ainda hoje, encontrar o francês mais do que apenas em nossas palavras, mas em nosso modo de pensar o mundo.

Foi na literatura de folhetim, de onde se originou a crônica, e seguindo os moldes franceses, “que os jornalistas-escritores testavam a narrativa através de histórias de não-ficção e até de ficção” (SCHEIBE, 2013, p.6). Ademais, foi nesse espaço transformador que as mulheres quebraram o senso comum — o de que deveriam limitar-se apenas à vida privada — e encontraram uma forma de se inserirem no mundo enquanto seres pensantes. Inspiradas nos modelos franceses, mulheres brasileiras viram-se diante de uma necessidade de mudança. Assim, Joanna Paula de Manso de Noronha, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e Gervazia Nunes Pires dos Santos Neves foram três nomes de referência para tais acontecimentos. Ao fundarem, editarem e escreverem n’*O Jornal das Senhoras*, ilustraram assuntos diversos e, dentre os usuais que eram destinados às mulheres, como moda e música, escreveram sobre a época em que viveram, os bailes, os cafés, as casas de chá e *soirées*¹. Isso permitiu uma atribuição de poder às suas leitoras, que podiam escolher os lugares que frequentariam e com quem estabeleceriam suas relações sociais, além de fazer com que elas (re)pensassem a respeito de seu lugar na sociedade.

N’*O Jornal das Senhoras*, por meio da matéria literária nele divulgada, parâmetros já estabelecidos foram quebrados. Assim, a finalidade desta pesquisa é, ao dar voz a essas mulheres, contribuir para que professoras (as) de língua e literatura em língua francesa em formação percebam e transmitam a presença francesa tão pungente em nosso país nos momentos de busca de uma identidade nacional e de emancipação feminina.

Em nosso recorte, analisamos da 28ª edição do ano de 1852 até a 12ª edição do ano de 1853, avaliando, principalmente, as escolhas editoriais de Violante Atabalipa, a segunda editora do periódico e importante mulher das Letras de seu tempo². Nas próximas linhas,

¹ Noites, espetáculos que acontecem à noite.

² Esse projeto de trabalho de conclusão de curso deriva de um trabalho de iniciação científica já publicado com bolsa do Programa de Educação Tutorial PET/ILEEL UFU (“[O olhar literário de Violante Atabalipa para o folhetim francês do século XIX: uma análise d’O domingo: jornal litterario e recreativo \(1873\) | Bonfim |](#)”

refletiremos sobre as crônicas publicadas nesse período, assinadas pelos pseudônimos *Bellona* e *Délia*. E, ao escolhermos esse gênero literário híbrido que é a crônica, verificaremos como elas reverberaram nas lutas femininas e dialogaram com a produção literária e jornalística do país de George Sand e Victor Hugo.

A literatura, o jornal e as mulheres do XIX

A primeira metade do século XIX, na França, foi marcada por uma profunda transformação, não apenas por conta dos resquícios da Revolução Industrial³, mas, também, pela maneira na qual a sociedade começou a ler sobre si e o mundo. O jornal, importante vetor nessa nova leitura, também passou a apresentar nova configuração, formato e método. Por meio da publicação do *La presse* (1832-1952), seu editor e proprietário, Émile de Girardin⁴, buscava atingir um público bem maior e atrair um grande número de anunciantes, e, com isso, mudou as bases dos impressos de então, que eram feitos apenas para noticiar, principalmente sobre política e assuntos que eram, geralmente, de interesse masculino.

O jornal, como uma empresa, opera, então, guiado pela lógica industrial e mercadológica de produção. Nesse sentido, a revolução tecnológica das técnicas de impressão, empreendida ao longo dos séculos, contribuiu, definitivamente, para a realização das experimentações editoriais conduzidas por Girardin. (GIMENEZ, 2014, p. 89)

Ao colocar escritores como colaboradores do jornal, a exemplo de Honoré de Balzac, o chefe do *La Presse* possibilitou uma virada na vida dos literatos, pois os mesmos poderiam ser lidos e conhecidos por mais pessoas — já que, por meio dos livros, isso era quase inviável, por conta do alto custo de produção e o baixo índice de alfabetização, o que dificultava a sua aquisição por grande parte da população. Conseqüentemente, o jornal, com a coparticipação da escrita refinada dos autores, cuja natureza se aproximava da narração, conquistava leitores fiéis (GIMENEZ, 2014, p. 89).

MOSAICO .O período aqui escolhido para ser estudado foi também decorrente de tal pesquisa, visto que Violante Atabalipa será, nos anos recortados aqui, a editora chefe d'*O Jornal das Senhoras*, e, por já possuímos o estudo de tal autora, resolvemos olhar para suas escolhas em um outro jornal, com novas perspectivas.

³ A primeira Revolução Industrial nos trouxe, com a utilização do carvão, um grande aumento na produtividade do trabalhador e alta distribuição dos produtos fabricados, além disso, com o telégrafo, tivemos o desenvolvimento dos meios de comunicação quase instantâneos.

⁴ Fundador do jornal *La Presse* e pioneiro em relação a democratização da imprensa e da política. https://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/%C3%89mile_de_Girardin/121493

Com essa nova maneira de falar da atualidade, que se aproveitava da forma narrativa que os escritores possuíam, o jornal deixou de ser um lugar apenas para informar e passou a ser um lugar para entreter seus assinantes. Isto posto, Girardin se tornou um dos “*patrons de la presse*”⁵ de seu tempo.

Esse matrimônio se consolidou por meio do *feuilleton* — o folhetim, — nascido na França juntamente com esse movimento de democratização da imprensa. Visando alfabetizar e educar o público, resolveu-se publicar no *rez-de-chaussée*⁶ romances completos, à conta gotas. Desse modo, o público tornava-se cativo e o jornal cumpria com a sua função social.

Ademais, essa nova relação midiática visou, majoritariamente, o público feminino, que encontrou, no rodapé dos impressos, romances que acalentavam sua sede por entretenimento e que instigavam a transformação e a educação femininas, assunto que abordaremos mais adiante. Consideramos, assim, que:

Romances, só aos bocaditos, em forma de folhetim, que aos jornais interessavam comercialmente como atração de primeira página. A característica da seriação, instigando a leitura seguinte, garantia o consumo da publicação enquanto lá se encontrasse, de suspense em suspense, o enredo instigante com os lances rocambolescos pertinentes (DE LUCA; MARTINS, 2008, p 70).

A recepção dessa revolução midiática aconteceu, no Brasil, juntamente com outro movimento que Marlyse Meyer (1994) aponta como deslocamento *Franco-Luso-Brasileiro*; ou seja, naquele momento, os olhares voltaram-se para a França, em negação à Portugal. Esse movimento de distanciamento da Metrópole, advindo dos processos de independência, não ocorreu apenas no Brasil, mas em toda a América Latina, trazendo à luz, por meio da literatura em rodapé, um senso crítico em relação aos seus colonizadores e uma consciência de suas condições de vida consideradas obsoletas em relação aos europeus.

Essa ojeriza pela Metrópole e afinidade com a França — centro irradiador de cultura daqueles tempos — deu-se mais vigorosamente depois da Missão Francesa de 1816, quando um grupo de artistas franceses, com o intuito de ensinar artes plásticas na cidade do Rio de Janeiro, aportou em terras brasileiras. Pouco tempo depois, deu-se a Independência do Brasil:

[...] logo depois, pós independência, na busca da construção de uma literatura nacional, é nos franceses que a jovem nação se mira, repudiando Portugal, a pátria política, agora a metrópole sinônimo de exploração e

⁵ Patrão da imprensa. Tradução nossa.

⁶ Rés do chão. A parte inferior do jornal, que recebia os textos literários e era diagramada para ser justamente esse segundo lugar, onde escrevia-se o romance aos poucos. Essa região se assemelha também ao papel que as mulheres desempenhavam na época, um papel secundário, apenas para cuidar da casa e dos filhos, e não, reconhecida como ser pensante ou parte da sociedade.

opressão. A França então aparece como a pátria cultural, cujos símiles florescerão largamente por aqui por mais de um século, até começar a perder hegemonia em alguns aspectos para a cultura norte-americana; ou seja, foi então, o caminho escolhido - não imposto - a seguir (MAGRI, 2019, p.145).

O desembarque dos artistas franceses em terras brasileiras principiou o que hoje conhecemos como transferência cultural, isto é, o processo de adaptar em nossa própria cultura o que é proveniente do além-mar. O auge de tal processo entre Brasil e França, na segunda metade do XIX, se deu mediante a presença dos franceses que aqui se estabeleciam, chamados de *passseurs culturels*⁷, e que constituíam “uma corte afrancesada acantonada na imensidão dos trópicos” (MAGRI, 2019, p.144). Em repúdio a Portugal e em busca da formação de uma literatura nacional, segundo Dirceu Magri, essa aproximação natural da França ajudou a reformular os periódicos brasileiros, e trouxe consigo um processo que constituiu até hoje as raízes midiáticas brasileiras. Os referidos *passseurs* traziam consigo livros, revistas e até mesmo impressos, os quais eram tidos como um bom modelo cultural a seguir não apenas pelo Brasil, mas por toda a América Latina. A mediação poderia ser voluntária e consciente, mas, ao mesmo tempo, involuntária e inconsciente. Diana Cooper-Richet discorre sobre tal movimento e nos traz a ideia de que o objetivo desses indivíduos não era neutro, mas “sempre inscrito na realidade social de seu tempo”⁸ (COOPER-RICHET, 2013, p. 131).

Além do repúdio ao colonizador, ainda segundo Cooper-Richet, o Brasil constituía um mercado promissor aos franceses, pois os progressistas e as novas elites que aportaram aqui, com a chegada da corte em 1808, estavam à procura de leituras que os trópicos ainda não podiam oferecer e a demanda de editoras para acompanhar as novas ideias que vinham de Paris era imensa (COOPER-RICHET, 2013, p. 134).

Esse movimento transatlântico também modificou a concepção que as mulheres brasileiras tinham sobre si. Acostumadas com a vida dentro de casa e a utilizar mantilhas pesadas e escuras que as cobriam, a partir da chegada da República e da Missão Francesa, elas foram impulsionadas a mudar seu modo de vestir e encorajadas a ir à ópera, ao teatro e com isso, a participar mais ativamente da sociedade carioca (PEREIRA, 2020, p. 109)⁹, o que as

⁷ Passadores culturais.

⁸ Il est à souligner que, quel que soit le passeur, volontaire ou involontaire, il n'est jamais neutre, il est toujours inscrit dans la réalité sociale de son temps. Tradução nossa.

⁹É importante abordarmos um recorte social e notificarmos que as mulheres que falamos aqui eram brancas e pertenciam à alta sociedade de sua época e, por isto, sua passabilidade nesses locais de midialização era permitida. Isto não as isenta de seus méritos em suas lutas sociais, mas as colocam em uma posição, na época,

levou, mais adiante, a serem agentes¹⁰ no espaço social. Ademais, passou-se a evidenciar a maternidade como uma espécie de fator político, pois a mulher “como mãe, é a primeira instância de formação dos futuros brasileiros” (LUSTOSA, 2010, p.13), e, portanto, deveria ter educação e cultura para serem transmitidas aos seus filhos.

Segundo Constância Lima Duarte, a literatura de autoria feminina, a consciência feminista e a imprensa de mulheres emergiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil.¹¹ O periódico e o folhetim consistiam em espaços singulares, que permitiram às mulheres serem editoras, tipógrafas e escritoras e começarem a retratar seus desejos, suas lutas e ambições, convivendo entre si e trocando informações para estruturarem relações de poder e, conseqüentemente, de gênero (BARBOSA, 2018, p. 115).

Logo, essa consciência feminina também foi algo herdado dos periódicos franceses pois, “Historicamente, a crônica parisiense foi inventada em 1836 por uma mulher” (THÉRENTY, 2015, p. 176): Delphine de Girardin, que carrega tal sobrenome por seu casamento com o jornalista já citado no início deste texto. Delphine de Girardin levou as peculiaridades femininas para a crônica desde seu início, pois ela “elege por muito tempo os temas prediletos da crônica” (THÉRENTY, 2015, p. 176), trazendo os eventos mundanos de Paris para o *La Presse*. Por tais razões, o gênero crônica foi o escolhido para esta pesquisa, pois, além de ter sido popularizado, na França, por uma mulher, ao decorrer de sua história dialoga com o jornal e busca contar o dia-a-dia da cidade, informando sobre os últimos assuntos e inserindo a sociedade na narrativa, de maneira que gerasse identificação no sujeito que a lia — em sua maioria, as mulheres (PEREIRA, 2020).

Delphine de Girardin, ao fundar essa poética nos gêneros comumente atribuídos às mulheres — romance ou ficção, — obtém um alcance de uma comunidade ainda não “iniciada na ficção do jornalismo” (THÉRENTY, 2015, p. 178) e traz à esfera feminina assuntos que, normalmente, as interessavam. As brasileiras, por sua vez, encontram-se nesses mesmos espaços nos jornais cariocas e, por meio do processo de transferência cultural, ou seja, com a ajuda do que vinha de mais novo e inédito da capital cultural da Europa,

de maior prestígio em relação às outras mulheres, como por exemplo, as mulheres negras que ainda eram tidas como escravas.

¹⁰Levamos em consideração o termo “agente” desenvolvido por Pierre Bourdieu em sua obra *Le champ littéraire* (1991). No texto, Bourdieu desenvolve a ideia de campo literário como sendo um campo de forças, que age sobre todos aqueles que o compõem, dependendo da posição ocupada por cada indivíduo (1991, p.3). Utilizar-nos-emos desse estudo para entender e exemplificar o papel da mulher enquanto jornalista e editora e de que maneira seu relacionamento com a população ajudou a construir o pensamento da época.

¹¹ Constância discorre sobre esse assunto em várias de suas obras, como exemplo podemos citar *Feminismo e Literatura no Brasil*, publicada em 2003.

evidenciaram seus desassossegos em relação ao Brasil e aos seus problemas de gênero por intermédio da crônica, sendo essa, nesse momento da Rua do Ouvidor¹², uma nova forma delas se verem como indivíduos..

A “crônica de costume”, como é conhecida aquela que contém os relatos da vida mundana nos periódicos de sua época, foi um gênero que, segundo Jorge de Sá, fez nascer a Literatura Brasileira (SÁ, 1985, p. 7). Isso se deve ao fato de os relatos puramente informativos, mas escritos por literatos, terem formado a essência do jornalismo do XIX (SCHEIBE, 2013, p. 2): um jornalismo que misturava os fatos reais e os costumes da época com o texto ficcional, feito para divertir e comunicar ao mesmo tempo, falando diretamente com o leitor. E, como já se mencionou, isso ocorria nos rodapés dos jornais.

Retomamos esse espaço pois, ao ser consolidado pelo folhetim, ele tornou-se um “lugar de honra no jornal”, em especial por sua vantagem financeira, uma vez que, ao fidelizar seus leitores com a fórmula seriada, o periódico ganhava, ao menos, um valor mínimo. Nessas publicações, ao final da primeira página do jornal, textos foram se adaptando e se reagrupando, formando, então, um novo gênero literário — a crônica. A aclimação desse gênero no Brasil se fez de forma muito natural, e ela é reconhecida até mesmo como um gênero brasileiro pela originalidade que aqui teve (CÂNDIDO, 2003).

Como dito anteriormente, o Brasil, na tentativa de reconstruir uma identidade nacional, serviu-se da crônica para um mecanismo de emancipação da antiga Metrópole. Enquanto isso, as mulheres serviram-se dela para sua própria emancipação. Quando assinados por mulheres, esses textos abordavam questões relacionadas à instrução feminina e aproximavam-se, ainda, dos moldes parisienses. Nosso corpus de pesquisa, *O Jornal das Senhoras*, tivera tal entendimento em suas páginas. Desde sua concepção, “proporcionou um espaço de diálogo entre as mulheres que viviam insatisfeitas com sua condição social” (BARBOSA, 2018, p.40), condição essa que era de isolamento no que concerne aos assuntos gerais, como por exemplo, política, economia e artes.

Publicado originalmente no dia 1º de janeiro de 1852, circulando até o dia 05 de dezembro de 1855, o periódico visava a autonomia da mulher por meio do trabalho e inserção nas artes e nos colégios, dando voz às leitoras, além de ter sido um instrumento importante de

¹²A Rua do Ouvidor foi o grande endereço midiático do Rio de Janeiro no século XIX. Era onde todas as tipografias e jornais se encontravam e ela segue, até hoje, do Largo de São Francisco de Paula até a Rua do Mercado, no Centro Histórico do Rio. O logradouro foi, durante o período de nosso estudo, o local onde os comerciantes europeus se estabeleceram, tornando-se assim, frequentado pelas pessoas que pretendiam pertencer à mais fina sociedade de sua época. Vide *A Rua do Ouvidor*; livro por Joaquim Manuel de Macedo.

sociabilidade e transferências culturais dos anos em que foi publicado. Sabemos que “o pioneirismo d’*O Jornal das Senhoras*, e suas colaboradoras, tímidas e anônimas, representaram, ainda assim, um decisivo passo na longa trajetória das mulheres em direção à superação de seus receios e conscientização de direitos” (DUARTE, 2003, p. 155).

As cronistas *Bellona* e *Délia* dividiram palco nas edições que escolhemos: *Bellona* foi a primeira a redigir, dos dias 14 de julho até o dia 26 de dezembro de 1852; e *Délia* assumiu o jornal na primeira crônica do ano de 1853, dia 9 de janeiro. Sabendo que a atuação das mulheres nos periódicos era uma ameaça à ordem pré-estabelecida, muitas delas utilizaram-se desses pseudônimos para criarem suas identidades como autoras (BARBOSA, 2019, p.89). *Bellona* era o pseudônimo de Joanna Paula de Manso de Noronha, fundadora e a primeira editora do Jornal até junho/julho de 1852. Violante Atabalipa era *Délia* e *Christina*¹³ - a primeira se encarregando das “*Crônicas da Quinzena*” e, a segunda, da coluna “*Modas*”.

Ambas as literatas possuíam um estilo único, descrevendo minuciosamente os bailes e *soirées* que aconteciam na alta sociedade do Rio de Janeiro, com comentários muitas vezes críticos a essa sociedade e, ao mesmo tempo, se dirigindo à ela e às suas leitoras.

Foi dentre elas, uma muito minha simpática afeiçoada quem enviou-me, em muito segredo, aquela cartinha do namorado para que fosse publicada na crônica; publiquei-a, guardei o segredo bem no fundo da gaveta, tranquei-a e, ao final de contas, foi essa mesma judia quem se encarregou de receber o nome de amorosa criatura e deixou-me ficar nos apuros de segredista. Sete dias de perguntas e respostas tive de atender fingindo não saber de nada quando todos já sabiam de tudo! Por um triz que se descobre o meu incognito neste vai e vem de perguntas, e eu havia de ficar asseada! Nada, Senhora Bellona, a senhora não deve ser mais tão segredista em tais matérias. Os namorados que escreveram em termos, ou que se expliquem cantando, como fazem os gogos que falam por esta forma as mil maravilhas. Dei o meu cavaquinho (BELLONA, 17 de outubro de 1852, p. 8, 2 col).¹⁴

Benignas leitoras, esta primeira quinzena de janeiro nada deu de bom a respeito de bailes, de teatros e de fatos importantes, a não ser o burburinho das festas, os passeios, os jantares, e os saraus mais ou menos esplêndidos... Isso mesmo é novidade, contai-nos o que sabeis, direi vós. Pois bem, como a crônica tem dois fins, um de dar à leitora conhecimento do que se passou, e o outro de corrigir os que erram, para que aprendam, vou referir-vos dois fatos (DÉLIA, 9 de janeiro de 1853, p. 9, 1 col).

¹³June E. Hahner pressupôs essa autoria em sua obra *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Tradução de Eliane Lisboa; apresentação de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. Além disso, ao anunciar sua entrada no jornal, Violante revela melhorias no jornal no que diz respeito à parte de figurinos, corroborando-nos a atestar sua assinatura como *Christina*.

¹⁴ Todos os textos que seguem a ortografia vigente no XIX foram atualizados conforme novo acordo ortográfico.

Em um primeiro momento, dedicaremos-nos à análise da maneira pela qual essas mulheres se utilizaram da literatura e das contribuições francesas, modificando sua posição na sociedade. Tais reflexões serão apresentadas nas próximas linhas.

Transferências, mulheres e crônicas

A tardia mudança no pensamento brasileiro em relação às mulheres foi um assunto amplamente abordado n' *O Jornal das Senhoras*. Em suas crônicas, *Bellona* e *Délia* discorreram em vários momentos sobre o tema, recorrendo à França como parâmetro de suas reflexões. As crônicas escritas por *Bellona* elucidam tal opinião:

Direis que a proclamação do Império e a elevação de Luiz Bonaparte ao trono da França é negócio de grande interesse político; mas que de nada servem estas notícias para vós, que não vos envolveis nos importantes assuntos da alta política. Nem tanto, a mulher deve ter conhecimento dos principais e mais importantes acontecimentos do mundo político, para que em qualquer companhia não esteja só condenada a falar em modas e no governo da casa (BELLONA, 26 de dezembro de 1852, p. 8; 2 col).

E, no mesmo dia, a escritora ainda traz uma revelação para suas leitoras em relação às suas sociabilidades e interesses, pautados em eventos franceses:

As pomposas festividades, de que a capital da França vai ser teatro, não podem ser olvidadas por vós; por força vos hão de causar inveja! Quantas sedas, quantos enfeites, quantas originalidades, quantos caprichos, quanta fantasia! Quanto luxo não ostentarão essas festas deslumbrantes! Quantos bailes, quantos saraus e teatros! Aquela de vós, que não tiver a felicidade de lá se achar, apele para as descrições que vierem, e para os figurinos. O JORNAL DAS SENHORAS vai ter mais uma correspondente em Paris, ela vos mimosear com os seus artigos. Eis mais um melhoramento que o JORNAL terá no futuro ano (BELLONA, 26 de dezembro de 1852, p. 8; 2 col).

Solidificando suas conexões no exterior e assegurando suas leitoras de que sempre teriam as novidades com exclusividade, o fato de chamar mais uma correspondente em terras francesas de “melhoramento” nos demonstra que as modernidades que aqui chegavam e que vinham de lá eram preciosas para elas. Contudo, de que maneira essas mulheres podiam trazer o de mais atual da capital da moda estando a um oceano de distância? Como explicado anteriormente, o processo das transferências culturais, feito pelos *passeurs* — pessoas que traziam consigo, consciente ou inconscientemente, o que vinha de fora — levou-as não só a conhecerem novas estampas, mas também a pensarem em suas condições de mundo inspirando-se no pensamento francês.

Além dos bailes, teatros, penas e plumas, o uso de tal pensamento como luta para a emancipação das mulheres demonstrara autoridade nas narrativas da literata:

[...] vejo-me obrigada a dar-vos conta só de notícias frasqueiras, tratando de objetos comezinhos; com muito cuidado para não cair no laço. E há tanta gente assim... Isso posto, ajuizai do que poderei dizer-vos, quando, repetir-vos o que já sabeis, é por certo tornar-me massante e insuportável. Hoje, porém, não me limitarei a isso; ponho as manguinhas de fora, embora me alcunhem as más línguas de sabichona. Tanto mais quando o meu impagável doutor me aconselha que o faça, não se me dando de que, por mofa, me chamem literata. Por intermédio dele foi que me veio às mãos um livro pequeno em formato mas graúdo no seu *todo*, intitulado - *Un million de faits* (o qual acha-se à venda em casa do Sr. Mongie), se lê o trecho que abaixo transcrevo, na língua em que está escrito, para não desmerecer-lhe o valor, a fim de que juízes que — no século presente ainda há muitos machucados — injustos para conosco, julgando que somos *umas coisas à toa*, ao passo que outrora homens houveram e que homens mais benignos para as pobres mulheres. Basta. O artigo a que me refiro é o que se segue:

« Les femmes, dit *La Bruyère*, trouvent sous leur plume des tours et des expressions qui souvent en nous ne sont l'effet que d'un grand travail et d'une pénible recherche; elles sont heureuses dans le choix des termes, qu'elles placent si juste, que, tout connus qu'ils sont, ils ont le charme de la nouveauté, et semblent être faits seulement pour l'usage où elles le mettent. Il n'appartient qu'à elles de faire lire dans un seul mot tout un sentiment, et de rendre délicatement une pensée qui est délicate. Elles ont un enchaînement de discours inimitable, qui se suit naturellement, et qui n'est lié que par les sens. Si les femmes étaient toujours correctes, j'oserais dire que les lettres de quelques-unes d'entre elles seraient ce que nous avons dans notre langue de mieux écrit » (BELLONA, 25 de julho. 1852, p. 11; 2 col)¹⁵.

Délia também expõe, em vários momentos, o descontentamento com o desprezo da educação moral da mulher por parte da sociedade brasileira oitocentista, fazendo referência, ainda, a Mme. Stoltz, pseudônimo de Marie Françoise Joséphe Bégon de Larouzière, célebre escritora francesa da segunda metade do XIX:

E por falar em teatros. Conversavam, algumas damas e cavalheiros, acerca do enterro da *Norma* pela Sra. Zecchini e do *Barbeiro* por Mme. Stoltz, uma dama que só ouvia, e quando mais ninguém falava, perguntou com toda a ingenuidade: “Não me dirão o que significam estes anúncios convidando para a missa do sétimo dia da *Norma* e do *Barbeiro*?”
Até quando se continuará a desprezar a educação moral da mulher?
(DÉLIA, 9 de janeiro de 1853, p. 9; 2 col).

¹⁵As mulheres, diz *La Bruyère*, encontram sob suas penas, brincadeiras e expressões que frequentemente são apenas o efeito de um grande trabalho e de uma difícil procura; elas são felizes em suas escolhas de termos, que elas os colocam tão justos, que, por mais conhecidos que sejam, tem o charme da novidade, e parecem serem feitos sob medida para o uso onde elas os colocam. Pertence apenas a elas nos fazer ler, por meio de uma única palavra, todo um sentimento, e de deixar delicadamente um pensamento delicado. Elas possuem uma sequência de discursos inimitáveis, que se seguem naturalmente, e que são ligados apenas pelo sentido. Se as mulheres estivessem sempre corretas, eu ousaria dizer que as cartas de algumas delas seriam o que temos de melhor escrito em nossa língua.

Meses mais tarde, Délia comentou:

Fecharei esta crônica dando-vos a notícia de que a Câmara Municipal de New-York acaba de nomear a uma Senhora para professora de latim e história antiga: quando registarei nas colunas do JORNAL DAS SENHORAS fatos semelhantes, que provem o adiantamento de instrução do nosso sexo?... Se nós nem colégio temos! (DÉLIA, 6 de março de 1853, p. 8; 2 col).

Além de tal descontentamento, Délia também se dirigia à homens da época que tinham pensamentos considerados retrógrados por elas:

Mas...vós me desculpeis, não é assim? O coração da mulher é tão meigo! E posto que *Duclos* dissesse que *o próprio inimigo da mulher é a própria mulher*, vós desmentireis a máxima desse escritor, severo em demasia com o nosso sexo, e provareis por vossa benevolência que estas sete palavras - “*mulher, amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó*, exprimem tudo quanto o coração humano encerra de mais doce, estático, sagrado, puro e inefável” Assim dizia Mr. Massias. (DÉLIA, 23 de janeiro de 1853, p. 7; 2 col).

Ela também corrigia os homens da cidade quanto às suas atitudes sociais, contradizendo o que se esperava de seu gênero:

Nossos embora ao João Caetano, porque enfim se convenceu de que elevar os preços de entrada e vender por mais de uma noite era uma tirania, que se fazia às algibeiras, e ao bom povo fluminense, a quem tanto deve o ilustre ator. Sentido Sr. João Caetano; quase todos dizem que o Sr. não dá conta da mão; desminta tão maléfica opinião que nós, apesar de mulher, estamos na estacada, ou para o defender, ou para o censurar se fizer por onde, o que não é de se esperar (DÉLIA, 23 de janeiro de 1853, p. 9; 1 col).

Além das crônicas, contamos com colunas que pretendiam educar as mulheres que as liam. Como exemplo, podemos citar “A mulher perante Deus e o mundo” e “Educação da mulher”:

A educação de qualquer indivíduo não deve ter outro fim senão prepará-lo, dar-lhe a disposição precisa para bem desempenhar o papel que Deus e a sociedade lhe distribuíram neste drama de grande espetáculo, a quem denominam vida.

Educar para outro fim, é cometer um crime contra a natureza, a sociedade, e contra si mesmo; porque quantas vezes vegetam entre os outros homens, nossos parentes sem nome, e despercebidos, que serão talvez o orgulho do seu país, a honra da sociedade ou a glória da sua época se a sua educação fosse melhor dirigida?

A mulher não desmerece, não faz a exceção a esta regra; e mais do que ninguém tem direito a uma educação cuidadosa, porque o seu destino é todo espiritual, é uma missão divina, que tem por objeção a regeneração da humanidade, para a felicidade d’aquém e d’além túmulo.

Expliquemo-nos. Ouvi-me homens da tirania (*J. Educação da Mulher*, 13 de fevereiro de 1853, p. 7; 1 col).



Figura 1 - Estampa do dia 11 de julho de 1852. *O Jornal das Senhoras, modas, litteratura, bellas-artistas, theatros e crítica*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 7. Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao tratar da individualidade na estruturação das crônicas pelas autoras, as diferenças de escrita entre ambas era pouca. Chama-nos a atenção, porém, o fato de *Délia* separar a crônica em várias subseções para abranger os muitos compromissos decorridos em sua quinzena, a exemplo de festas, bailes, teatros, concertos e óperas. Isso levou com que, posteriormente, a partir da edição de 6 de março de 1853, o jornal inaugurasse uma coluna apenas para o teatro, encaixada logo após a coluna da “Crônica da Quinzena” e escrita pela mesma mulher.

Ela, Violante Atabalipa, *Délia* e *Christina* era versátil e trabalhava, juntamente de suas colaboradoras, de forma quase inesgotável para trazer o que havia de melhor às suas leitoras. Além de seu trabalho de cronista, podemos apontar suas traduções, como, por exemplo, em *Karolina. Novella Polaca*, de Olympio Chodzko. Tal obra foi traduzida do francês e publicada no jornal de forma seriada, demonstrando que o domínio da língua francesa, sobretudo o de Violante, era um importante diferencial do periódico.

Violante Atabalipa tinha estratégias para conseguir conquistar as matérias a serem publicadas. Isso se deu por conta das relações sociais estabelecidas pela redatora. Sob o pseudônimo *Christina*, falando de moda, integrou-se a temas da sociedade da época e flertou com perspectivas francesas. Tais relações serão discutidas no tópico a seguir.

Transferências, sociabilidades e moda

“Finalmente o verão de Paris trouxe-nos uma novidade notável”. Tal frase apareceu na primeira coluna publicada no dia 24 de outubro de 1852, vindo a repetir-se em diversos momentos do período de circulação d’*O Jornal das Senhoras*. Desta forma, compreendemos a colaboração das terras francesas na escrita e vestimenta das brasileiras. O periódico trazia quinzenalmente uma costura e a descrição de uma estampa em uma coluna própria, além de informar onde e quando seria melhor usar a vestimenta, tudo isso baseado no que vinha de mais novo de Paris.

Estão, com efeito, querida leitora, de uma vez banidos da moda: o bom-tom parisiense decretou e as modistas referendarão o decreto da sua reforma [...] o *Jornal das Senhoras* faz todo o possível por vos mostrar o que há de mais moderno e o mais elegante chega ao Rio de Janeiro (CHRISTINA, 24 de outubro de 1852, p.2, col. 1).

Ademais, quando o que havia de mais elegante do outro lado do oceano não chegava a tempo, isso era motivo de desculpa às leitoras. Assim escreve *Christina*, com um discurso muito próximo de quem a lia, na coluna de “Moda” do dia 14 de novembro de 1852.

É só o título, queridas leitoras, que é para não perder o costume de *garatujar* todas as semanas, porque novidades...descrição de estampa...notícias do mundo elegante de Paris...tudo isso fica bem guardadinho para vos oferecer domingo que vem, sem falta nenhuma. [...] Mas se eu vos disser que foi só neste momento (10 horas da manhã de sábado!) que recebi da redação os figurinos que chegarão neste pacote, e logo atrás veio uma ordenança da tipografia a pedir-me com olhos piedosos e a suar copiosamente — que apromplasse o artigo quanto antes, do contrário o JORNAL não podia sair no domingo... [...] Apenas posso ao correr da pena traçar-vos estas linhas para pedir-vos que me desculpem. Afirmo-vos, queridas leitoras, que para o JORNAL DAS SENHORAS dar-vos figurinos dos mais modernos de Paris, vindos todos os meses pelo pacote, que quatro em quatro estampas, a redação nada em suores frios até vê-los chegar ao escritório! Tudo isso porém nada é em comparação do consolo que nos resta de vos poder oferecer — do bom e do melhor (CHRISTINA, 14 de novembro de 1852. p.8, col. 2).

A partir dessa passagem, podemos entender o quanto a dependência da chegada de produtos franceses influenciaram nas publicações e constatamos que as editoras e colaboradoras se deslocavam em vários lugares da cidade (BARBOSA, 2018, p. 130). *Christina* relata, com palavras afetuosas e sempre em tom de conversa, suas tarefas em algumas de suas matérias de moda e, ao, comparecer aos bailes e óperas, conversa com as testemunhas ditas “oculares”, ou seja, os agentes sociais¹⁶ e visita as modistas, orientando-se para publicar sempre o que há de mais novo e fiel, sem nunca perder, por meio de suas palavras, a autoridade no assunto e trabalhando.

Como já abordado anteriormente, utilizamos do conceito de campo literário, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para fundamentar algumas de nossas premissas. Para Bourdieu, o campo literário foi o gerador de forças que dependiam da posição ocupada por cada indivíduo. Logo, para demonstrar que os assuntos versados nas crônicas dessas mulheres as transformaram em agentes do espaço onde estavam inseridas, concluímos que elas adaptaram, por meio de sua escrita, os seus espaços sociais, contribuindo para a produção das obras culturais (BOURDIEU, 1991, p.5) - neste caso, os jornais, que modificaram o pensamento da época.

Na crônica, quando Violante Atabalipa deixa de ser *Christina* e torna-se *Délia*, ela e *Bellona* solidificam esse aspecto social e representam os relatos mundanos a partir da escrita literária, o que nos evidencia que a literatura está presente nos jornais dos anos de 1800, pois, ao escolherem fazer os retratos de sua época em tom leve e de conversa - e, até mesmo, com elementos ficcionais - distanciaram-se do mero relato dos fatos, fazendo-se cronistas. Além disso, em todas as colunas escritas por elas, verifica-se uma grande interação com o público que as lia, aproximando-as de sujeitos que frequentavam os mesmos espaços, que partilhavam de seus gostos e pensamentos. Angela de Castro Gomes discorre sobre essa idéia de rede afetiva:

[...] se os espaços de sociabilidade são “geográficos”, são também “afetivos”, neles se podendo e devendo captar não só vínculos de amizade/cumplicidade e de competição/hostilidade, como igualmente a marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por eventos, personalidades ou grupos especiais. Trata-se de pensar em uma espécie de “ecossistema”, onde amores, ódios, projetos, ideias e ilusões se chocam, fazendo parte da organização com a vida relacional (GOMES, p.20, 1999).

¹⁶ O próprio criado de *Bellona*/Joanna foi um desses agentes que, andando pelos espaços sociais para ouvir as conversas, levava à sua Ama o que escutava, além de alguns bilhetes de suas leitoras, como veremos em exemplos posteriores.

Nesse sentido, podemos constatar que o “ecossistema” d’*O Jornal das Senhoras* foi construído a partir do que suas idealizadoras tinham em comum e, ao apropriar-se da pena de forma literária, partilharam suas ideias àqueles e àquelas que as liam, frequentemente pautadas no que era proveniente da França.

É no ato da escrita da crônica e de sua publicação no jornal que podemos evidenciar as relações estabelecidas, sinalizando o trânsito que elas possuíam na alta sociedade carioca. A maneira bem humorada com a qual contavam essas histórias traz recursos literários à tona, como podemos observar a seguir:

[...]

*Se a tanto lhe ajudar
Engenho e arte*

Ora digam lá que não cito Camões!

A calma intensa, porém, que ainda abraça o belo risonho Janeiro, não deixa gozar com satisfação tantos divertimentos, apesar de quanto gelo e sorvete nos forneçam Francioni, Castelões, Carreller e Companhia: e ainda assim andaremos enquanto Dom Inverno não for desdobrando os mantos de seus arminhos e pelúcias com neblinas temperadas que rociam o amanhecer. Esperemos pois a estação mais benigna, e entretanto vamos à nossa tarefa (DÉLIA, 6 de fevereiro de 1852, p. 7, col. 1).

No dia 6 de agosto, *Bellona* nos demonstra que os lugares onde esteve são essenciais para seu ofício e, além disso, publica uma boa história sobre a briga entre um marido e sua companheira, de quem diz ter obtido autorização para narrar o fato:

Digam-me porém as minhas queridas leitoras, se eu fizesse a história do que tem particular e publicamente ocorrido nesta cidade, desde os restos do mês passado até hoje, o que não diria de bonito! De picante! E de maçante! Que reclamações ! Que gritaria contra a Bellona !

Direi, antes, que fui à representação dos Puritanos, à seção do magnetismo explicada pelo Sr. Ulysses na pessoa, valha a verdade, de sua mana, no teatro de S. Pedro de Alcântara piruetarem muito bonito; estive no Cassino, Campestre, Sylphide, e Lisia; assisti a um batizado, dois casamentos historiados, duas partidas, uma reunião em casa do Sr. Dr. Cândido Borges, outra em casa do Sr. Pinheiro; enfim, nestes quinze dias saí fora do meu sério e fui vista em toda a parte onde me foi possível estar (BELLONA, 8 de agosto de 1852. p.8 e 9, col. 2).

Trazendo sempre os dias importantes e os bailes que ocorreram, as cronistas direcionaram as leitoras aos locais que deveriam frequentar, deixando-as escolher e recebendo delas, em contrapartida, muitos bilhetes. Ao publicá-los, demonstravam que o jornal estava em constante contato com o público feminino, além de despertar, também, o

interesse dos homens, por conta de suas colaboradoras, como se pode verificar no excerto a seguir:

-Minha ama dá licença?
-Pode entrar Santos, o que queres tu?
Venho entregar estas duas cartas, uma é da Exm. Sra e outra cá do Sr. Doutor que cura em casa.
-Bem, podes te retirar.
Vejamos a daquela gaiata, o que contém (BELLONA, 29 de agosto de 1852. p. 8 e 9, col. 2).

No trecho transcrito abaixo, notamos a relação intrínseca entre sociabilidade e transferência cultural. Ao recorrer, mais uma vez, à figura da escritora francesa Mme. Stolz, *Bellona* traz à tona um referencial literário francês para as mulheres brasileiras, evidenciando, igualmente, a circulação de impressos franceses no Brasil, familiares às redatoras do jornal:

Tenho essa cabeça recheada de não sei quantas dúzias de novidades! Tenho cartas anônimas, bilhetinhos e pedidos, que me deram água pelo queixo! Essa quinzena é de tirar o barrete! Mas as senhoras anônimas e não anônimas, bilhetistas e não bilhetistas, sabem que mais? Tudo indeferido: desta vez não tem cavaco, estou com cara de poucas afeições, e tenho muito que escrever e cabalar para uma nova câmara que pretendo instituir, já se sabe, de senhoras e que há de fazer estrondo.
Entretanto há tanta coisa ainda para dizer... Só o que diz respeito aos oito dias da véspera do Baile Imperial, é um volume *in-folium*! Os outros oito depois do benefício da Mme. Stolz; quatro livros do tamanho das ordenações do reino! As intrigas de bastidores; uma coleção de seis volumes! [...]
E depois (que horrível transformação!) são notícias, novidades e histórias que correm de boca em boca e impressas nas folhas públicas! [...]
Bailes, jantares e soirées não têm faltado neste mês de agosto (BELLONA, 5 de setembro de 1852. p. 8 e 9, col.1 e 2).

Recebendo esses inúmeros bilhetes, as redatoras podiam se inteirar das novidades e estavam sempre atualizadas, já que elas não podiam frequentar todos os eventos simultaneamente. Além disso, na crônica que abria cada mês, recuperavam os fatos do mês anterior, incluindo suas opiniões sobre os recadinhos:

Belas, animadas e interessantes, deslizaram-se as duas últimas semanas do mês de setembro. Os bailes, as festas religiosas, os festins por toda a parte sucederam-se uns após os outros; e o que mais é, nenhum esmoreceu por falta de concorrência; o mundo elegante fulgurou em todos. [...] (BELLONA, 3 de outubro de 1852, p. 7 e 8, col. 1 e 2).

Elas faziam, outrossim, um trabalho de curadoria do que recebiam de mais importante:

Amabilíssimas leitoras, principia o bulício das festas, dos bailes, teatros, entrudos, mascarados, procissões...e de tantas coisas belas e agradáveis que nos faltará talvez espaço para a avultada matéria; a vossa cronista vos dará somente conta do mais notável, e do que melhor vos possa interessar (DÉLIA, 6 de fevereiro de 1853, p. 8, 1 col.).

Em suma, podemos afirmar que as relações de sociabilidades estabelecidas pelas redatoras d'*O Jornal das Senhoras* foram essenciais para a constituição e circulação desses jornais, e mesmo para a aclimatação das informações e das curiosidades vindas da França e compartilhadas com o público do referido jornal.

Considerações finais

As editoras e colaboradoras d'*O Jornal das Senhoras* contribuíram de forma direta para o que o Brasil mais buscava no início do século: uma nova identidade. Suas palavras e visões lhe conferem não apenas o posto de um simples jornal, mas sim, o de veículo que vislumbrou as ideias pouco comuns em seu tempo, justificando aqui sua relevância social, e a de suas parceiras, ao buscarem a emancipação moral da mulher.

“O editor é um intérprete das idéias de seu tempo: Ele joga o papel do leitor, extrapola a partir de sua própria reação de leitores, antecipa sobre este que será aquele do público” (OUVRY-VIAL, 2007)¹⁷. Sabendo disso, ao escolhermos o período em que Violante Atabalipa assume a edição d'*O Jornal das Senhoras*, damos voz a essas mulheres que, ao conciliarem o trabalho de redatoras, cronistas, tradutoras e *passeurs* com os outros papéis que se esperavam da mulher na época, mostraram na prática sua luta para equiparar as distinções sociais entre homens e mulheres, ao mesmo tempo em que desenvolveram a literatura, cujo exercício se deu por meio da crônica.

Como vimos, com as sociabilidades, os textos assinados por elas atestam suas relações com o universo letrado, estabelecendo conexões importantes para a época, principalmente com a França, país que, no referido período, foi referência de cultura. Ao ver essa presença francesa na no Brasil do XIX, não podemos deixar de perceber a relevância dessas crônicas escritas por e para mulheres, com bom humor e ironia, para a solidificação de um repertório literário e cultural de estudantes de língua francesa nos cursos de graduação.

¹⁷ Versão original: “[...] l'éditeur est un interprète des idées de son temps: Il joue le rôle du lecteur, extrapole à partir de sa propre réaction de lecteur, antecipe sur ce que sera celle du public”. OUVRY-VIAL, Brigitte. “L'acte éditorial: vers une théorie du gest”. *Communication et langages*, vol. 154, n.1, p.67-82, 2007, p. 73.

Como professores(as) em formação, faz-se relevante perceber e transmitir a presença do francês em nosso cotidiano, instigando em nossos alunos o reconhecimento das particularidades desse período, que, mesmo parecendo tão distante, ainda punge em nossas singularidades brasileiras.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. O Jornal e o livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/1/1859. In: *Miscelânea. Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1973.

BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro Oitocentista*. 1.ed. – São Paulo: Alameda, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *Le champ littéraire*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 89, septembre 1991. *Le champ littéraire*. pp. 3-46

CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Unicamp, 1992.

COOPER-RICHET, Diana. *Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France - Brésil, XIX siècle)*. São Paulo, Unesp, v. 9, n.1, p. 128-143, janeiro-junho, 2013.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. In: *Estudos avançados* 17, v. 49, 2003. pp. 151- 172.

_____. *Imprensa feminina e feminista no Brasil Século XIX*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GIMENEZ, Priscila Renata. *Literatura e invenção no rodapé do jornal: a escrita midiática dos folhetins teatrais do século XIX*. Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários, [S. l.], v. 28, p. 88–101, 2014. DOI: 10.5433/1678-2054.2014v28p88. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25200> Acesso em: 19 mar. 2023.

GOMES, Ângela de Casto. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LUSTOSA, Isabel. Prefácio, In: JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MAGRI, Dirceu. *A crônica no Brasil: um gênero em mutação*. In: Gláuks: Revista de Letras e Artes - jul./dez. 2019 - Vol 19, Nº 2, ISSN 2318-7131.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MEYER, Marlyse. *Um fenômeno poliédrico: o romance-folhetim francês do século XIX*. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 2, n. 2, 1994.

O Jornal das Senhoras: Modas, Litteratura, Bellas-artes, Theatros e Critica (1852-1855). Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096> Acesso em: 11 junho. 2023.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. *Primórdios da crônica de autoria feminina no Brasil e a luta pela igualdade de gênero*. In: Jangada, nr. 15, jan/jun, 2020. ISSN 2317-4722.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. 1.ed. Bauru: EDUSC, 2005.

_____. *Minha história das mulheres*. 1.ed. Bauru: Contexto, 2007.

PRIORE, M. D; BASSANEZI, C. *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHEIBE, Roberta. *A Recriação do Real: As Origens do Gênero Crônica no Brasil*. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

THÉRENTY, Marie-Ève. *O Gender de crônica parisiense: de Delphine de Girardin a Colette*. Revista da Anpoll nº 38, p. 174-185, Florianópolis, Jan./Jun. 2015. Université de Montpellier - RIRRA 21. Artigo traduzido por Priscila Renata Gimenez.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA



ANEXO 2

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, Maria Fernanda Melon Bomfim, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Entre vestidas e petiduras: crônicas e transformações culturais n' O Jornal dos Sombros foi integralmente por mim redigido, e que assinei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro Curso e/ou Universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

Uberlândia, 12 de Junho de 2023

Assinatura do(a) aluno(a) Maria Bomfim